

ESCOLA COLORIDA: o encantamento do design para sermos escolhidos e não somente contratados

COLORFUL SCHOOL: the enchantment of design to be chosen and not just hired

CASTRO, Vanessa Villarinho Esteves; Mestranda; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
profenessavilla@yahoo.com.br

COUTO, Rita Maria de Souza; Professora Emérita do Departamento de Artes e Design; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

ricouto@puc-rio.br

RODRIGUES, Roberta Gonçalves Portas; Doutora; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
robertaportas@puc-rio.br

Resumo

O presente artigo expõe a discussão sobre a importância do lúdico e da criatividade no processo de ensino e aprendizagem. Partindo da pergunta: será que ainda podemos ter uma escola colorida, reconhecendo que ao longo da trajetória escolar perdemos o encantamento pela escola, porque perdemos o lúdico e a criatividade nas aulas, relato experiências colaborativas e criativas para trabalhos nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura que recuperam afetos e protagonismos na sala de aula e que são pontos de interseção com o Design em Parceria, uma vez que todo professor preocupado com novas formas de ensinar e sendo criativo percorre os mesmos caminhos que os propostos pelo Design para a formação de estudantes mais críticos: uma abordagem na qual professores e estudantes colaboram para criar soluções para desafios ou projetos específicos.

Palavras Chave: educação; abordagens pedagógicas; aprendizagem significativa; design em parceria.

Abstract

This paper discusses the importance of playfulness and creativity in the teaching and learning process. Starting from the question: can we still have a colorful school, recognizing that throughout our school trajectory we lose the enchantment with school because we lose playfulness and creativity in classes? Collaborative and creative experiences in Portuguese Language and Literature classes that recover affection and protagonism in the classroom are presented. These experiences intersect with Design Partnership, as any teacher concerned with new ways of teaching and being creative follows paths similar to those proposed by Design for fostering more critical students: an approach where teachers and students collaborate to create solutions for specific challenges or projects.

Keywords: education; pedagogical approaches; meaningful learning; design in partnership.

1 Introdução

Certa vez, uma criança, de idade pertencente a Educação Infantil, indagada por sua mãe que queria saber qual das escolas, dentre todas as que a família havia visitado, ela tinha mais gostado ou qual era a que ela gostaria de estudar respondeu

“- Naquela escola colorida!”

Esta resposta simples é, na verdade, muito profunda. A escola colorida mencionada pela criança existe. Trata-se da escola que trabalha com projetos criativos e colaborativos, independente dos objetivos.

Essa história além de verdadeira veio ao encontro de muitas das minhas reflexões: quando é que as escolas deixaram de ser coloridas e de seduzir os alunos? Quando perdemos o encantamento para sermos escolhidos e não só contratados?

2 Escola Colorida

Sabemos que a transição entre o Ensino Infantil para o Ensino Fundamental e Médio é abrupta: abandonamos os horários flexíveis entre as atividades pedagógicas e lúdicas por horários fechados e calendários muitas vezes opressores. Tentamos até atenuar a carga pesada de provas e simulados para o ENEM com feiras culturais ou trabalhos em grupos, para justificarmos notas e médias melhores, a famosa “pedagogia de eventos”.

Para a escola ser colorida em todos os segmentos e em vários aspectos, devemos redesenhar a forma de dar aula, a forma de ensinar e de pensar a educação. Precisamos entender que trabalhos significativos são trabalhos colaborativos, demandam tempo e rompem barreiras conteudistas. São trabalhos que afetam a entrega de professores e de estudantes, ambos protagonistas da sala de aula. Sim, a proposta é essa. Não é apenas o estudante que deve ser o protagonista do processo de ensino-aprendizagem, a moda atual. Esse protagonismo precisa ser compartilhado, dividido e generosamente trocado. Segundo Hanks e Wenger (1991, p.15),

A aprendizagem é um processo que ocorre em uma estrutura de participação, não em uma mente individual. Isso significa, entre outras coisas, que é mediada pelas diferenças de perspectivas entre os coparticipantes. É a comunidade, ou pelo menos aqueles que estão participando no contexto de aprendizagem, que aprende.

Ao contrário de alguns pensamentos ou defesas, não perdemos tempo nem intimidade que limitem a nossa autoridade, nem tiramos do estudante o brilho do seu crescimento pessoal. Segundo bell hooks (2017, p. 206):

Às vezes é importante lembrar os alunos que a alegria pode coexistir com o trabalho duro. Nem todos os momentos na sala de aula trarão necessariamente um prazer imediato, mas isso não exclui a possibilidade da alegria nem nega a realidade de que aprender pode ser doloroso. E às vezes é preciso lembrar os alunos e os colegas que a dor e as situações dolorosas nem sempre se traduzem em danos.

Ao contrário, quando estabelecemos parcerias respeitando o conhecimento e as bagagens de todos os envolvidos traçamos caminhos menos dolorosos para ambos. Descobrimos talentos e novas formas de ensinar, traçamos conhecimentos e fazemos naturalmente a interdisciplinaridade sem forçá-la ou torná-la uma obrigação pedagógica. Geramos senso crítico e nutrimos a criatividade.

Neste sentido, é importante ressaltar que a promoção da criatividade e do estabelecimento do senso crítico não significa deixar o aluno fazer o que quiser, quando quiser, ou da forma que quiser. Não está presa a nenhuma fase da etapa escolar, tampouco a segmentos específicos, nem

se restringe a personalidades ou disponibilidades dos docentes.

A criatividade e o senso crítico, quando trabalhados em sala de aula, resultam na escola colorida e nos tornam escolhidos nas respostas dos estudantes. O lúdico não pode ser entendido como o professor do Ensino Fundamental e Médio se especializando em paródias e dancinhas famosas do TikTok para obter a atenção do aluno, ou sendo habilidoso em frases reducionistas, mas engraçadas, para estimular a decoreba de fórmulas, de regras ou de tabelas.

O lúdico é uma forma de aprendizagem que resulta no criativo. Fornece tempo para a construção de pensamentos e interações, e suscita no aluno o senso crítico. Nesse processo, possibilita uma maior confiança no que é aprendido e nas relações estabelecidas.

O ensino escolar, muitas vezes, é limitante ao se preocupar somente com os processos avaliativos, não explorando as experiências que o lúdico pode proporcionar.

Segundo Maria Vitória Mamede Maia e Camila Marques Vieira (2020, p. 68):

Tanto a avaliação quanto o lúdico são fatores naturais no processo de socialização e aprendizagem infantil e, por este motivo, indissociável ao processo de ensino e aprendizagem em qualquer faixa etária. Se indissociáveis, por que percebemos essa dicotomia entre tempo de brincar e tempo de avaliar? Por que um acaba “engolindo” o outro?

Cabe aqui uma interferência: tempo de brincar ou de promover momentos lúdicos não está apenas relacionado à aprendizagem infantil. Isso parece muito mais lógico e menos limitante quando percebemos que o tempo da infância e do lúdico está se esvaindo nos dias de hoje, com o advento dos avanços tecnológicos, o aumento da violência e o despreparo do círculo familiar.

Hoje quando pensamos no tempo da infância, certamente vem à mente crianças “adultizadas” ou manuseando celulares com a habilidade suficiente para não “atrapalhar” nenhum adulto.

Logo, a maioria dos pré-adolescentes e dos adolescentes que chegam ao Ensino Fundamental II e Médio queimou a etapa de ser só criança, de receber estímulos ao brincar em grupo, de interagir com outras crianças, de se perceber como um ser maravilhado com cada descoberta e com o seu dom criativo. Não é à toa que, a cada ano que passa, percebemos uma maior falta de maturidade e de limites comportamentais nos estudantes desses segmentos.

Sendo assim, promover o lúdico ou o momento de brincar a pré-adolescentes e adolescentes como um dos meios do processo de ensino e aprendizagem não é infundado ou inútil. Ao contrário, a experiência de 20 anos trabalhando com essa faixa etária comprovou que qualquer proposta lúdica e criativa no ambiente da sala de aula, em paralelo a qualquer instrumento formal ou até mesmo no instrumento avaliativo, sempre foi muito bem recebida, aceita e desejada pelos estudantes.

Então, eis alguns questionamentos pertinentes: O que faz as avaliações conteudistas se sobreporem às atividades lúdicas no Ensino Fundamental II e Médio? Por que as escolas, nesses segmentos, preferem a “pedagogia do exame”, do ensino mecanicista, mesmo tentando vender em seus Projetos Políticos Pedagógicos a imagem da valorização ao ser criativo e à autonomia criativa? O que faz a escola, muitas vezes, perder sua própria identidade ao não saber o que valorizar em seus calendários escolares: avaliações ou projetos?

Esses questionamentos pioram quando lemos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no artigo 24, inciso V, referente ao rendimento e processos avaliativos no Ensino Fundamental e Médio:

V - a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

- a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos. (BRASIL, LDB, 1996, artigo 24, inciso V)

Se até a LDB, no item a, entende que a avaliação deve ser contínua e qualitativa, por que as escolas insistem na quantidade de tarefas e de exames?

Podemos responder todas as perguntas desse texto evocando algumas áreas do nosso conhecimento: o econômico, o social e o institucional.

No campo econômico, compreender a lógica de mercado. Precisamos formar pessoas, mesmo que de forma mecanicista, que obtenham bons resultados nos exames nacionais, ENEM e vestibulares, para termos literalmente cartazes e obtermos mais estudantes e a garantia de mais um ano de escola aberta. Essa resposta é coerente, porém seria mais pertinente para a rede particular de ensino, enquanto o ensino público se preocupa constantemente com quadros estatísticos e metas para inibir o quadro decadente das políticas públicas.

No campo social, podemos pensar em agradar os anseios de algumas famílias garantindo-lhes um bom serviço e a falsa impressão de que seus filhos são extremamente dedicados, apesar da falta de tempo ou do excesso de atividades e avaliações. No entanto, isso nunca foi sinônimo de estudantes mais inteligentes ou dedicados. Muitas vezes, esses calendários sufocantes só aumentam o estresse e a ansiedade entre os jovens e os professores, ou promovem soluções reducionistas do conhecimento com busca de resumos disponíveis na internet.

No âmbito institucional, podemos perceber alguns aspectos que respondem a essas perguntas. As escolas frequentemente se rendem ao sistema escolar e às pressões das famílias, perdendo a oportunidade de reavaliar sua própria prática e de perceber a urgência de mudanças em prol das necessidades da comunidade escolar. Elas esquecem que nunca será perda de tempo elaborar momentos lúdicos variados, com tempo suficiente para não sobrecarregar professores e estudantes, e que não se trata apenas de autopromoção, mas da construção efetiva da criatividade e do senso crítico dos protagonistas do ensino e aprendizagem: estudantes e professores.

Professores que, devido ao excesso de provas e outras atividades avaliativas espremidas nos calendários escolares, e devido a múltiplos empregos para garantir seu sustento, muitas vezes não conseguem fazer algo tão essencial quanto sugerido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) no processo avaliativo: perceber a individualidade de cada estudante e promover várias formas de avaliações, com metodologias e linguagens diferentes, formais ou lúdicas, para auxiliar o aprendizado e analisar as produções desenvolvidas por cada estudante de forma sistemática e processual.

Como Jacques Rancière (2002) diz:

...a grande tarefa do mestre é transmitir seus conhecimentos aos alunos, para elevá-los gradativamente à sua própria ciência. Como eles, sabia que não se tratava de entupir os alunos de conhecimentos, fazendo-os repetir como papagaios, mas, também que é preciso

evitar esses caminhos de acaso, onde se perdem os espíritos ainda incapazes de distinguir o essencial do acessório... (Rancière, 2002, p. 16)

O professor moderno é exigido em seu currículo a ser “multitarefa”, a se desdobrar e distribuir seu tempo, cada vez mais escasso, para atender às exigências muitas vezes absurdas das escolas. Mal sabem essas instituições o quanto isso afeta o rendimento, a dedicação e a lealdade profissional do docente. Um professor insatisfeito ou sem tempo para exercer sua função primária de elaborar e dar aulas é um profissional desestimulado para elaborar ou produzir projetos criativos e significativos.

É necessário a cada ano, a cada turma, rever e reaprender a forma de ensinar e, conseqüentemente, a forma de aprender e entender que só reclamar da apatia ou da falta de interesse dos estudantes, a interferência, em alguns casos, dos pais ou o sistema educacional como uma maré difícil de nadar, não resolverá nossas angústias profissionais. Precisamos enxergar a escola como um ambiente de múltiplas possibilidades e pessoas.

O ensino não deve ser um ato de dominação, mas sim de empoderamento, onde o professor e estudantes aprendem juntos em uma atmosfera de respeito e amorosidade.

O professor que repensa suas ideias e se permite a novos caminhos para suas práticas profissionais não deve ser encarado como um desertor pelos seus pares. Ou uma ameaça para a escola. Deve ser visto como alguém que está transformando repulsas em reaproximação.

Os educadores devem constantemente repensar suas práticas educativas para torná-las mais exclusivas e conscientes das diversidades culturais e sociais. Ao adotar uma postura reflexiva e crítica, os professores podem criar um ambiente que valoriza a individualidade dos estudantes e promove a justiça social, preparando-os para serem agentes de mudança em suas comunidades.

Um caminho para essa transformação, defendido nesse texto, é através do lúdico e da criatividade. Esses substantivos masculino e feminino comungam entre si. As iniciativas lúdicas nas escolas potencializam a criatividade e contribuem significativamente para o desenvolvimento e o aproveitamento intelectual dos estudantes.

É importante ressaltar que a criatividade não significa necessariamente criar algo genuinamente original ou novo, muitas vezes significa inovar ou melhorar algo já existente. A criatividade deve ser útil ao indivíduo e a comunidade sendo assim impulsionadora de um estado de grande empenho e entusiasmo.

3 O encantamento do Design

O design como ferramenta a favor da vida transforma as relações ao conectar pessoas de maneira profunda e significativa. Ele cria experiências que realmente tocam os indivíduos, tornando o cotidiano mais criativo e agradável. Aprender fazendo é essencial nesse processo, pois permite que designers compreendam melhor as necessidades humanas e criem soluções que promovam bem-estar e empatia. Esse é o princípio gerador do design denominado "design em parceria".

O design em parceria surge da necessidade de integrar múltiplas perspectivas e conhecimentos especializados para resolver problemas complexos de forma mais eficaz. Essa abordagem colaborativa tem sua origem no movimento de design participativo, que começou a ganhar força nas décadas de 1970 e 1980, principalmente na Escandinávia. Nesse contexto, designers trabalham em conjunto com usuários e outros profissionais, garantindo que as soluções criadas atendam às reais necessidades e desejos das pessoas envolvidas. O resultado é um processo mais democrático e inclusivo, onde o valor das contribuições de cada participante é

reconhecido e aproveitado para criar produtos e serviços mais eficientes e humanos.

O design em parceria é uma abordagem colaborativa que promove a ação reflexiva, onde os participantes envolvem-se ativamente na prática de projetar enquanto refletem sobre suas ações. Esta metodologia, conhecida como reflexão na ação, permite que os envolvidos avaliem e ajustem suas estratégias de forma contínua durante todo o processo. A reflexão na ação contribui significativamente para a educação, pois encoraja o pensamento crítico e a adaptação rápida a novos desafios. Ao integrar reflexão e prática, educadores e estudantes podem desenvolver soluções mais criativas e eficazes, promovendo um aprendizado mais profundo e significativo.

Jorge Frascara (1998) entende a importância do trabalho em parceria como:

É nas situações de associações onde as relações são éticas, onde os melhores talentos rendem seus frutos que se podem realizar projetos complexos e ambiciosos e que os designers podem desempenhar o papel de catalisadores e colaboradores na criação de um ambiente cultural e conceitual em constante desenvolvimento. (Frascara, 1998, p. 50)

Nesse sentido, a aprendizagem é vista como um processo coletivo e colaborativo, no qual o diálogo e a troca de experiências são fundamentais para a construção do conhecimento.

Todo professor é um designer, não se limitando apenas à estética visual, mas à forma como planejam, estruturam e implementam aulas. Eles consideram ativamente as necessidades, interesses e estilos de aprendizagem dos estudantes, fazendo escolhas de materiais, métodos e estratégias de ensino de acordo com essas características individuais.

Além disso, um professor designer também deve ser capaz de avaliar constantemente seu próprio trabalho e o progresso dos alunos. Ser criativo, inovador e flexível, buscando constantemente novas abordagens e métodos de ensino que possam engajar e motivar os alunos. Devem estar sempre em busca de atualização e formação contínua, para poder oferecer o melhor ensino possível aos seus alunos.

Assim, é fundamental que os professores atuem como verdadeiros designers de aprendizagem, planejando e desenvolvendo experiências educativas que sejam significativas, relevantes e motivadoras para os estudantes. Eles são os principais responsáveis por conduzir e facilitar o processo de aprendizagem, ajudando os estudantes a atingirem seu pleno potencial e se tornarem cidadãos críticos, criativos e autônomos.

Essas abordagens enfatizam a importância da empatia, do diálogo e da escuta atenta como instrumentos essenciais para promover relações mais equilibradas e harmoniosas entre os seres humanos. Elas buscam incentivar a compreensão mútua, a solidariedade e a cooperação como valores fundamentais para o desenvolvimento do bem-estar comum.

Concluir essa trajetória é reconhecer que a interseção entre educação e design não é apenas possível, mas profundamente enriquecedora. A educação sempre foi mais do que transmitir conhecimento; trata-se de criar experiências significativas que envolvem e transformam os estudantes. O design, com sua ênfase na empatia, na colaboração e na inovação, complementa perfeitamente essa visão.

4 Escolhidos

O presente artigo faz parte da dissertação, em andamento, de mestrado *“Recursos didáticos sob o enfoque do Design em Parceria: uma transgressão no Ensino- Aprendizagem de Língua Portuguesa”*, que tem por objetivo apontar para a necessidade de pensar e de experimentar novas estratégias para desenvolver habilidades e compartilhar conhecimentos,

ideias e trabalhar o pensamento crítico na sala de aula, apresentamos o relato de dois trabalhos: o primeiro, intitulado “**Som alencareano**”, que foi desenvolvido por uma das autoras no ano de 2017, com alunos de 2º ano do Ensino Médio de uma escola particular do Rio de Janeiro, tendo por fio condutor o estudo das obras de José de Alencar, uma vez que este autor contemplaria o conteúdo e o período literário do Romantismo trabalhados na série. O segundo trabalho, intitulado “**Playlist de “Torto Arado**”, foi realizado cinco anos depois, em 2022, para uma nova turma de 2º ano do Ensino Médio, do mesmo colégio, do Rio de Janeiro, pelas disciplinas Língua Portuguesa, Literatura e Artes. Nesta turma foi escolhido um novo livro paradidático como leitura obrigatória, “**Torto Arado**”, escrito por Itamar Vieira Junior.

4.1 Som alencareano

Precisava ser escolhido um livro de leitura extraclasse para dialogar com o conteúdo, exigência estipulada pela escola, um livro ao menos por trimestre. Desafiei a mim e a turma, escolhendo quatro: “Senhora”, “Lucíola” e “O Guarani” e “Iracema”, em quadrinhos, todos de autoria de José de Alencar. Um grande estranhamento para a turma 2001, porque cada um deles poderia fazer a escolha de qual livro ler, algo que não estavam acostumados a fazer. Não seria uma preocupação ou uma determinação a quantidade de estudantes para cada livro, porém foi pedido que os estudantes se organizassem de forma a ter ao menos todos os livros no trabalho.

Surgem as primeiras questões: como fazer com que estudantes do século XX entendessem a literatura dos séculos XVIII e XIX? De que forma amenizar o impacto das diferenças culturais e fazer com que as características do Romantismo fossem apreendidas? Quais meios usar para que os estudantes percebessem que ao estudar textos e contextos tão distantes poderiam entender melhor textos e contextos atuais?

É certo que ao escolher uma versão em quadrinhos, já estava sendo estipulada uma estratégia para começar a responder tais questionamentos, mas ainda não era o suficiente. Seria preciso um encantamento, uma motivação e um convite para o envolvimento de todos os participantes no processo.

O passo então foi estimular a leitura inicialmente com a apresentação de cada livro e a contextualização histórica e de vida do autor.

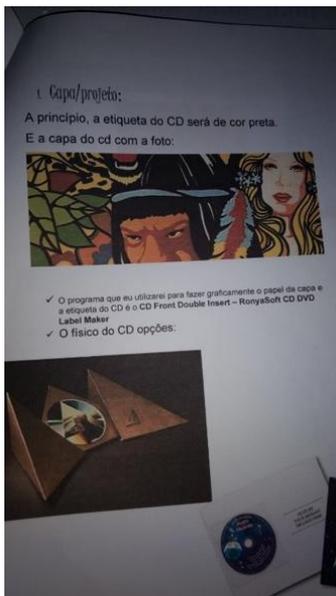
Tendo em mente que da relação entre todos os nossos saberes explode uma criação, inclusive os novos textos produzidos pelos estudantes através da leitura, o acordo foi que cada um escolhesse a partir de toda a apresentação, um livro para ler e trocar as histórias em uma roda de debate. Assim, seria dado a cada um a autonomia e a responsabilidade da escolha para a execução do trabalho.

A proposta foi um pedido para que os estudantes imaginassem uma música ou uma trilha sonora que representasse uma cena ou um capítulo de cada história lida. Não foi estipulado o número de músicas selecionadas e nem as partes dos livros, pois mais uma vez caberia a cada estudante fazer suas escolhas. Eles reproduziram em um CD essas seleções musicais, discutiram na turma cada escolha e fariam um relatório escrito explicando o CD, a escolha do livro e a relação entre a seleção musical e o enredo alencareano. Seria e foi uma aula de audição e de debate.

As imagens seguintes no artigo ilustram a execução de alguns dos alunos ao longo do processo até o trabalho final. As fotos revelam as defesas das ideias, alguns CDs produzidos, assim como a sala de exposição do trabalho em um dos eventos da escola.

Figura 1 – Exemplo de um relatório, com a explicação da execução e planejamento do trabalho: material usado para a

capa e caixa do CD, assim como o encarte explicativo e os argumentos atribuídos para as escolhas das músicas.



Fonte: o autor

Inicialmente, como todo bom estudante, surgiram reclamações sobre o quão trabalhoso a atividade seria para cada um, as dificuldades de trabalhar em grupo e o choro de “por que temos que ler algo tão antigo”. Ao mesmo tempo, os estudantes demonstraram curiosidade sobre como realizar uma experiência diferente, saindo do lugar comum de cartazes e seminários, e até um certo orgulho em produzir sozinhos um encarte de forma livre para personalizar o trabalho.

Prazo estabelecido e, a cada aula, foram sendo esclarecidas dúvidas: um programa novo de computador, um tipo específico de papel, uma forma diferente para a caixa de entrega e até mesmo uma participante que resolveu fazer um CD/ disco para ser diferente dos demais etc. Mas aos poucos as ideias foram surgindo.

Foram muitas as aulas que se seguiram em torno do Romantismo e ao longo desse processo e não foram mais ouvidas queixas. Ao contrário, passei a ouvir coisas do tipo: “Chorei com o final de *Lucíola*”; “Já vi algo parecido com a história da *Senhora*”; “Esse livro de *Iracema* é a maior mentira, mas até que é maneiro”; “Lembra a *Pocahontas*”; “Pensei em tal música para *Iracema*, o que você acha?” Havia também frases como: “Não entendo o que esse cara escreve”; “Essa leitura é lenta ou difícil”.

As minhas respostas eram sempre de estímulo, atiçando ainda mais a curiosidade, dando alguns spoilers ou minhas impressões pessoais sobre a leitura ou ainda ensinado que o mais importante não era se preocupar *ipsis litteris* com o significado de cada palavra lida, mas, principalmente, com o enredo lido, com o propósito do autor, com o contexto de produção e com o público leitor da época. Apelei para o caráter novelesco dos romances de folhetim e para as comparações com as atuais novelas das 18h, e, principalmente, não deixei nenhum estudante sem escuta ou sem resposta.

No dia combinado, as caixas de plástico, os envelopes coloridos de CD e, inclusive caixas de madeiras com alguns objetos dentro, como penas e dinheiro falso, entre outras referências das histórias alencareanas foram surgindo em minha mesa e nas mãos de estudantes orgulhosos com seus resultados.

Figura 2 – Exemplo de um CD, produzido por uma estudante que optou por reproduzir em formato de LP.



Fonte: o autor

Figuras 3 e 4 – Exemplo de um CD, produzido por uma estudante que optou por reproduzir em formato de LP.



Fonte: o autor

Figura 5 – Outro CDs produzido para o livro “Senhora”, com um encarte com poemas e desenhos produzidos pela aluna sobre as partes mais significativas para ela.



Fonte: o autor

Figura 6 – CD para o “Guarani”, feito com o auxílio de folhagens e entregue em uma caixa de madeira.



Fonte: o autor

Figura 7 e 8 – Encarte do CD “Lacrima on sonata- Uma releitura de Iracema”. Encarte caixa confeccionado, elaborado e colado pelo estudante.



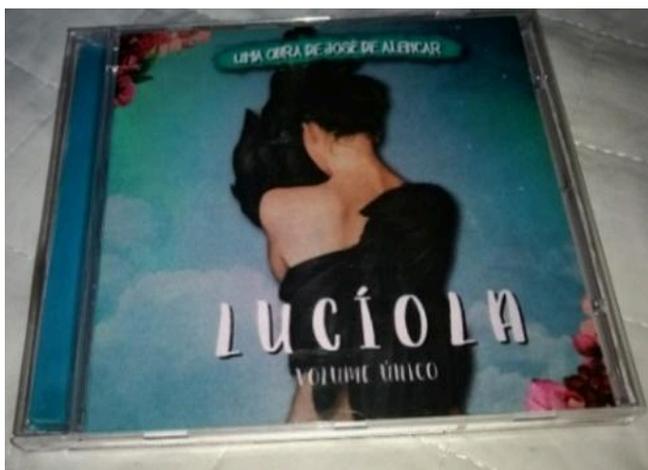
Fonte: o autor

Figura 9 e 10 – CD para o livro “Iracema”, com a riqueza dos detalhes para o encarte e o material escolhido. A estudante escolheu sambas enredos para a apresentação da história.



Fonte: o autor

Figura 11 – CD produzido para o livro Lucíola, capa desenhada e produzida pela estudante para ressaltar a sensualidade da protagonista da história



Fonte: o autor

A partir das entregas dos trabalhos, sentamo-nos em roda no chão da sala, e com o auxílio de um aparelho de som, ouvimos, ao menos, a introdução de cada música escolhida para os CDs que foram apresentados de forma aleatória pelos estudantes.

A seguir, pedi que cada estudante apresentasse a história do livro, mostrasse sua seleção

musical e justificasse sua escolha, indicando os capítulos ou as partes das histórias. Nesse momento, seriam atrelados os agentes: autor, público e contexto, de Alencar aos novos agentes estabelecidos através da interpretação da história lida. Seriam perceptíveis o entendimento, o envolvimento e o estudo feito por cada um dos estudantes e o quanto eles eram capazes de fazer inferências entre o que foi lido nos livros, as intertextualidades entre o lido com as letras das músicas e o repertório. Fora a noção de organização, de compromisso e de noções básicas de tecnologia.

Para cada música internacional escolhida, algo que não foi um motivo de impedimento nem de determinação, assim como os idiomas possíveis, cabia também uma rápida tradução e justificativa.

Surpreendida com a riqueza do debate, com a beleza dos objetos e com o bom gosto e diversidade musical, lancei outro desafio para a turma: como faríamos para expor todo esse material, dando a ele o valor e destaque merecido, no evento conhecido como Semana do Espaço Aberto. Esse é um dos eventos mais aguardados por toda a escola, pois promove a exposição para toda a comunidade escolar de trabalhos de todas as turmas, abrangendo o máximo de disciplinas possível, a semana em que a escola fica mais colorida e atraente, o momento em que estudantes e professores se tornam parceiros e trabalham de forma mais colaborativa.

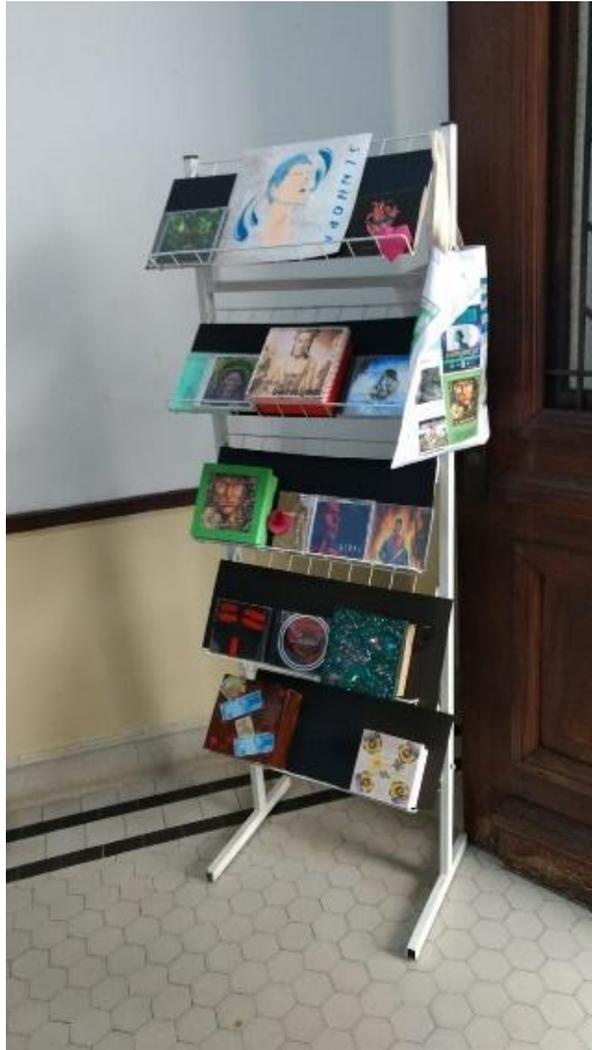
Com o título “Percepções”, o espaço escolhido por mim para a exposição de todos os trabalhos propostos ao longo do ano, para os três anos do Ensino Médio, de Língua Portuguesa e Literatura foi um corredor de passagem, denominado de Portaria Branca. É um local não muito querido pelos estudantes, mas de bom grado para a professora, por ser um espaço de passagem no térreo da escola e de tamanho ideal para não deixar nenhum trabalho solto nem perdido em uma parede. Aliás, a parede é sempre o de menos, pois a não sala permite expor trabalhos pendurados no teto, expostos no chão, por cima de móveis, na escada de entrada da varanda ou até mesmo nas duas portas que a compõem.

Reclamações não acatadas, o local já estava estabelecido. Começou aí mais um trabalho proposto para a turma: um cartaz para anunciar os CDs, à imagem e semelhança dos que eram, quando vendidos ou anunciados em uma loja física em 2017.

A turma teria que produzir um cartaz semi padronizado para apresentar o seu CD equivalente na exposição. E seria responsabilidade nossa, professora e cada estudante da turma, arrumar o espaço. A primeira ideia já estava lançada, a segunda estava por vir. Precisamos de um aparelho para deixar tocando as músicas, de forma ambiente, durante toda a exposição e precisávamos arrumar cadeiras, sofás ou poltronas para que os visitantes se sentassem e mandassem os CDs, podendo trocá-los, apreciando cada música e se envolvendo com cada história.

Para chamar bastante atenção dos visitantes, penduramos carcaças de ventiladores, cedidas pela própria escola, no teto para que a partir delas os cartazes ficassem pendurados e não estragassem ou se amontoassem nas paredes. Usamos os sofás de uma sala de atendimento e um revestido para dispor os CDs de forma aconchegante para a apreciação.

Figura 12 – Revisteiro com a arrumação dos CDs para a exposição na escola.



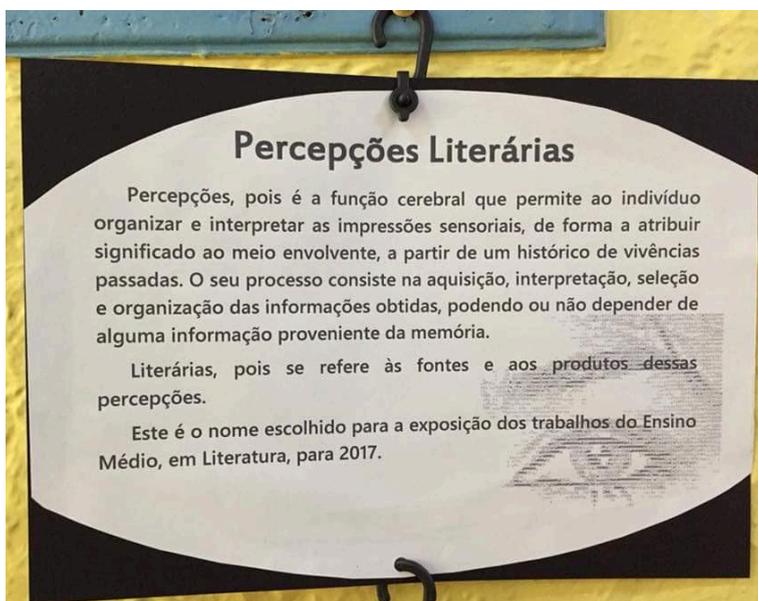
Fonte: o autor

Figura 13 – Cartazes pendurados por nylon em carcaças de ventiladores velhos da escola.



Fonte: o autor

Figura 14 – Cartaz título/ explicativo, usado no dia da exposição dos trabalhos, para a sala “Percepções Literárias”.



Fonte: o autor

Como pode ser percebido nas fotos, a sala além de aconchegante despertou muita curiosidade. Foi uma das salas mais procuradas no evento e os alunos ali permaneciam, mesmo sem uma escala para apresentações pré-estabelecidas. Todos sentiram orgulho e queriam mostrar para cada visitante da feira o trabalho exposto.

4.2 Playlist de “Torto Arado”

O tema da Campanha da Fraternidade era “Fraternidade e Educação”, inspiração para o

Projeto Político Pedagógico da escola e, conseqüentemente, um bom motivo para inspirar minhas escolhas e aulas.

“Torto Arado”, o livro proposto para o trabalho, é uma narrativa que se passa no sertão da Bahia, trazendo em seu enredo a história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia. As duas vivem em extrema pobreza ao lado de seus pais em uma região marcada pela seca e pelo trabalho braçal na lavoura.

O livro trata de temas como a cultura sertaneja, o racismo, a fé, a educação e a relação humana com a terra. É um retrato fiel e tocante da realidade vivida por muitas pessoas no interior do Brasil, principalmente no Nordeste. Um livro contemporâneo, lançado em 2019, mas denso no enredo e no fantasioso, nada muito comum para alunos de 15 ou 16 anos. Um só livro, um desafio repaginado: como incentivar os estudantes para a leitura? De que forma propor conexões entre os conteúdos trabalhados, em sala, o projeto da escola e os repertórios de cada um? Que atividade contemplaria tal leitura e processo de aprendizagem?

Para as respostas, uma velha proposta com algumas mudanças: para um único livro, os estudantes tinham que imaginar que trilha sonora caberia para uma cena marcante ou a um capítulo da história lida. Não seria estipulado o número de músicas selecionadas e nem as partes dos livros, pois caberia a um grupo, pois agora o trabalho seria em grupos de 4 a 5 componentes, o que propicia escolhas, inclusive dos companheiros de grupo.

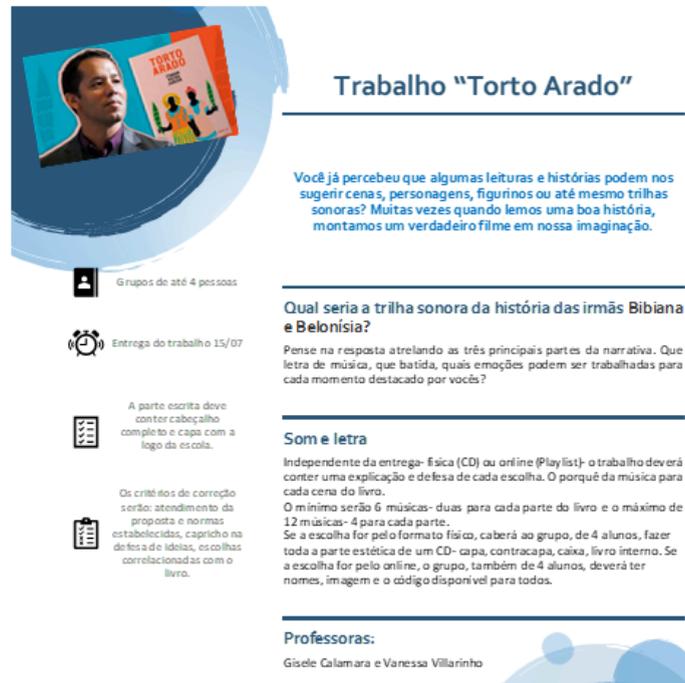
Eles reproduziram em um CD essas seleções musicais, discutiram na turma cada escolha e fariam um relatório escrito explicando o CD e a relação entre a seleção musical e a obra. Outra novidade, além dos grupos, é que haveria a parceria com a disciplina de Artes. Caberia à professora em questão trabalhar com os grupos o encarte dos CDs: materiais possíveis, imagens, paletas de cores e de formas.

Apresentou-se o primeiro impacto na pergunta: “Professora, o que é um CD?”. Cinco anos mais tarde, os estudantes não reclamavam da linguagem, do século, da atividade trabalhosa, entretanto, questionavam como iam fazer algo que não dominavam e não sabiam executar uma vez que não havia mais o compartimento de CD nos computadores e nem em programas disponíveis e ao alcance deles. Veio a solução: “Pode ser no Spotify?”. Resposta inicial, não. Resposta negociada e discutida em grupo, pode desde que tenha o objeto e a caixa para ser exibida na exposição da escola.

Foram levados para a sala de aula alguns dos CDs produzidos em 2017 para que eles conhecessem esse objeto e entendessem o que é um CD, para depois exemplificar o encarte, talvez a parte mais difícil para o entendimento da proposta em 2022.

Tal como o projeto de 2017, foi apresentada a história de maneira a incentivar a leitura, estudada a vida do autor e o contexto histórico da produção. Foi divulgado para facilitar a comunicação um Sway, um aplicativo do Microsoft Office que facilita a criação e o compartilhamento de relatórios interativos, histórias pessoais, apresentações e muito mais, produzido para a aula de Literatura, agora na então plataforma utilizada pela escola pós-pandemia. Ainda foi feito um cartaz para ficar no mural da sala lembrando o prazo, o compromisso e a proposta do trabalho, como ilustrado abaixo.

Figura 15 – Cartaz fixado no mural da turma para orientar e estimular a turma. Nomes dos grupos, datas, regras de execução, proposta para a releitura da capa do livro.



Trabalho "Torto Arado"

Você já percebeu que algumas leituras e histórias podem nos sugerir cenas, personagens, figurinos ou até mesmo trilhas sonoras? Muitas vezes quando lemos uma boa história, montamos um verdadeiro filme em nossa imaginação.

Qual seria a trilha sonora da história das irmãs Bibiana e Belonísia?

Pense na resposta atrelando as três principais partes da narrativa. Que letra de música, que batida, quais emoções podem ser trabalhadas para cada momento destacado por vocês?

Som e letra

Independente da entrega- física (CD) ou online (Playlist)- o trabalho deverá conter uma explicação e defesa de cada escolha. O porquê da música para cada cena do livro.

O mínimo serão 6 músicas- duas para cada parte do livro e o máximo de 12 músicas- 4 para cada parte.

Se a escolha for pelo formato físico, caberá ao grupo, de 4 alunos, fazer toda a parte estética de um CD- capa, contracapa, caixa, livro interno. Se a escolha for pelo online, o grupo, também de 4 alunos, deverá ter nomes, imagem e o código disponível para todos.

Professoras:
 Gisele Calamara e Vanessa Villarinho

Fonte: o autor

Tanto nas aulas de Artes como nas de Literatura, os grupos debateram a história das duas irmãs, o drama vivido por uma delas que perdeu a fala após um acidente e a importância da figura do pai que incentiva as meninas a estudarem e a ter uma escola na região em que eles moravam. A professora de Artes trabalhou ainda a capa do livro que tem como referência uma imagem icônica inspirada na foto do italiano Giovanni Marrozzini, incentivando uma releitura da imagem na composição dos CDs.

Figura 15 – A capa do livro e a foto original, do italiano Giovanni Marrozzini.



Fonte: <https://jornaldeitu.com.br/wp-content/uploads/2021/12/FOTO-HISTORICA-CAPA-LIVRO-TORTO-ARADO.jpg>

A cada aula, um comentário, trechos do livro e a verificação se estava tudo caminhando para a execução e entrega do trabalho. E a expectativa de mais uma resolução de como expor na velha e boa “não-sala”, Portaria Branca, a cada ano não mais recusada, devido a intimidade estabelecida entre ela e os trabalhos de Língua Portuguesa e Literatura do Ensino Médio.

No dia 15 de julho de 2022, os estudantes apresentaram os relatórios e as playlists, entregues de forma virtual e através de qr code. Desta vez, sentados em grupos em suas mesas individuais ou de pé junto ao computador perto da caixa de som.

Figura 16 – Uso do QR Code ocupando o lugar do CDs, ao lado do encarte produzido pelo grupo.



Fonte: o autor

Figura 17 – Elaboração do encarte misturando as capas dos CDs usados na coleta das músicas.



Fonte: o autor

Figura 18 – Capa estilizada com o livro em primeiro plano e outros elementos em preto e branco no fundo.



Fonte: o autor

Figura 19 – Cartaz fixado no mural da turma para orientar e estimular a turma. Nomes dos grupos, datas, regras de execução, proposta para a releitura da capa do livro.



Fonte: o autor

Figuras 20 e 21 – Soluções criativas pensadas por cada grupo para resolver a falta física do CD.



Fonte: o autor

Como nas vezes anteriores, os grupos de alunos tiveram que participar do processo de arrumação e de buscar soluções criativas para expor os trabalhos na Semana do Espaço Aberto. Diferentemente de 2017, a trilha musical não seria escolhida e nem trocada pelos visitantes. Por ser uma playlist, estaria sendo executada de forma ininterrupta na sala.

O espaço de cinco anos entre o primeiro trabalho realizado em 2017 e o de 2022 trouxe mudanças impactantes, o que motivou a criação de uma linha do tempo para ilustrar a evolução dos aparelhos sonoros e também da forma como as músicas passaram a ser ouvidas.

Assim como a evolução musical, a sala, a exposição, a produção e a execução do trabalho também foram repensados e contextualizados para o novo evento.

O nome da não-sala não poderia ser outro: “(RE) EXISTÊNCIA”- referente a nossa resistência aos piores momentos vividos por todos nós, por conta do período da COVID 19, e uma exaltação a nossa eterna resistência na Educação.

5 Conclusão

É ponto pacífico que os processos avaliativos são parte integrante do cotidiano escolar. Eles frequentemente se manifestam como instrumentos focados nos conteúdos abordados, servindo como meios para atribuir valor ao processo de aprendizagem. No entanto, a questão crucial é se estamos valorizando processos avaliativos que se concentram na seleção e no ranqueamento, sem considerar os caminhos percorridos pelo estudante para alcançar determinado resultado.

No ambiente escolar, parece que estamos nos perdendo na pedagogia do exame, criando calendários repletos de simulados e avaliações formais, ou utilizando apostilas que treinam para preencher cartões resposta, e até incentivando redações em formato de receitas, onde os alunos completam textos semiprontos com poucas palavras autorais. Com tais práticas, estamos nos distanciando de uma avaliação que prioriza o processo de aprendizagem, o tempo de assimilação e o reconhecimento do conteúdo.

Avaliar implica um posicionamento. Cabe ao professor, ou à escola como um todo, adotar uma postura em relação aos resultados obtidos, utilizando-os como base para determinar a rota a ser seguida. Assim, as avaliações devem ter como objetivo principal a troca e a reflexão, redirecionando as práticas do professor e da escola, com o propósito de auxiliar os estudantes a alcançarem a aprendizagem, e não apenas a obter uma boa colocação em listas de resultados.

Nesse sentido que fogem aos padrões formais escolares e são elaboradas e repensadas através de muito diálogo entre estudantes e professores, proporcionam novas formas de pensar e realizar a avaliação. Essas atividades inclusivas valorizam talentos e habilidades muitas vezes não reconhecidas em meio aos conteúdos programáticos trabalhados.

A escola que adota projetos ou mini projetos colaborativos, independentemente de objetivos conteudistas ou meramente marqueteiros, é uma escola desejada e lembrada pelos estudantes, pois promove uma aprendizagem significativa. É uma escola colorida, uma escola escolhida e não só contratada.

6 Referências

ALENCAR, José de. O Guarani. Adaptação para HQ de Ivan Jaff e Luiz Gê. São Paulo: Ática, 2009.

_____. Lucíola. Rio de Janeiro: FTD, 2011.

_____. Senhora. Rio de Janeiro: FTD, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução. 3ª ed. Brasília, DF: MEC, 2001.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.

COUTO, R. M. S. et al. Design em Situações de Ensino-Aprendizagem: 20 anos de pesquisa no Laboratório Interdisciplinar de Design/Educação. 1. ed. Rio de Janeiro: Rio Book 's, 2014. v. 1. 360p.

FRASCARA, Jorge. Communication Design - principles, methods and practice. New York: Allworth Press, 1998.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa. 34ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia do Oprimido. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIROUX, Henry. Os professores como intelectuais. Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MAIA, Maria Vitória Campos Mamede. Criar e Brincar - o lúdico no processo de ensino e aprendizagem. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

MAIA, Maria Vitória Campos Mamede & VIEIRA, Camila Nagem Marques (organizadoras). O brincar na prática docente - volume 1. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020.

MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida. A MOTIVAÇÃO HUMANA. In: MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida. APRENDENDO APRENDIZAGEM, CD-ROM, Rio de Janeiro: CCE RDC e Departamento de Educação, PUC-Rio, 1999.

MIZUKAMI, Maria da Graça N. Ensino: as abordagens do processo (Temas básicos de educação e ensino). São Paulo: EPU, 1986.

HANKS, W.F. "Foreword". In: LAVE, J.; WENGER, E. Situated learning. Legitimate peripheral participation. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir - a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2007.

_____. Ensinando pensamento crítico - sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020. SOLÉ, I. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artmed, 1998.

RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante - cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

TORRE, S. de la. Dialogando com a Criatividade - de identificação à criatividade paradoxal. São Paulo: Madras, 2005.

_____. Criatividade Aplicada - Recursos para uma formação crítica. São Paulo: Madras, 2008.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. Torto Arado. São Paulo: Todavia, 2021.

WILLINGHAM, D. T. "Critical Thinking: Why Is it So Hard to Teach?" Arts Education Policy Review 109(4): 21–32, 2008.